

ECO-LOGIA: MUITO ALÉM DO “ESTUDO DA CASA”

Maurício Waldman



EDITORA KOTEV
SÉRIE MEIO AMBIENTE 9

ECO-LOGIA:

MUITO ALÉM DO “ESTUDO DA CASA” ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

RESUMO:

Poucas palavras no mundo contemporâneo conquistaram tamanha difusão quanto a expressão ecologia. Embalado pelo avanço do ideal ambientalista, o termo, além da crescente sinonímia com a conservação da natureza, foi também granjeado de uma série de significados representativos de acepções que inclusive, se contrapõem ao próprio contexto sociocultural no qual nasce a palavra, qual seja, o mundo da Grécia arcaica. Com efeito, *oikos* na Grécia Homérica, se referia a uma unidade autossuficiente de produção e consumo, dessimetricamente estruturada em camadas sociais, perpassada por relações de poder e socialmente crivada por relações desiguais. Ademais, ao *oikos* não eram estranhos os conflitos e as contradições, emblematicamente representados na escravidão e na guerra. Contudo, desde o princípio a terminologia defrontou-se com interpelações ideacionadas preocupadas em construir percepções de cunho naturalizante, expurgadas de contradições sociais e das oposições político-econômicas. Lançando mão de uma visão harmônica, tal interpretação se prestou a asserções mistificadoras da relação entre sociedade e natureza, assim como de fabulações voltadas para mascarar os conflitos que atravessam o relacionamento mantido pelos homens entre si. Neste sentido, o texto que segue tem por meta avaliar os significados originais da palavra ecologia; analisar o ambiente social e histórico em cujo seio irrompe; decodificar suas conexões com a questão ambiental, e sumamente, listar as implicações expostas por uma análise que em princípio fundando-se num atalho etimológico, busca explicitar as variáveis em jogo no pensamento ambientalista contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE:

Oikos, Ecologia, Etimologia, Contradições, Sociedade.

ECO-LOGY: BEYOND THE "HOUSE STUDY"

ABSTRACT:

Few words in the contemporary world have achieved such dissemination as the expression ecology. Developed by the advancement of the environmental ideals, the term, in addition

to the growing synonymy with the conservation of nature was also cultivated with representative meanings of meanings that even, are opposed to the sociology-cultural context in which comes from the word, that is, Archaic Greece. As a result, Oikos in The Greek Dark Ages was referring to a self-sufficient unit of production and consumption, an asymmetrically structured in social strata, fraught with power relations and socially screened by unequal relations. In addition to the Oikos, they were not unusual the conflicts and contradictions, represented in slavery and the war. But, since the beginning of the terminology, it was faced with idealization concerns to build perceptions of naturalizing conception, purged of social contradictions and political-economic oppositions. By manipulating a harmonic vision, this interpretation has a claim of mystifying affirmations of the relationship between society and nature, as well as of conspiratorial strategies aimed to mask the conflicts that cross the relationship maintained by men among themselves. In this sense, the text that follows has the main aim to evaluate the original meanings of the word ecology; analyse the social environment and history in which core it erupts; decode its connections with the environmental issue and supremely, list the implications exposed by an analysis that in principle by founding an etymological short cut , seeks to clarify the variables at the contemporary environmental thought.

KEY-WORDS:

Oikos, Ecology, Etymology, Contradictions, Society

.....

Comumente, a palavra ecologia é referenciada com base numa tradução muito conhecida: *estudo da casa*.

A mais ver, sublinhe-se: a definição *estudo da casa* transita pela imensa maioria dos veículos de comunicação, é endossada por entidades ambientalistas, pesponta em materiais didáticos, auferre prestígio na fala coloquial, demonstra assiduidade nas narrativas institucionais e inclusive, é deste modo evocada pela própria literatura científica.

Note-se que tal traslado linguístico apoia-se na apreciação literal de uma palavra que tal como inúmeras outras do jargão científico ocidental, possuem raízes vocabulares no léxico grego ³, composta por dois termos que aliás, são de amplo conhecimento por parte de diversos segmentos da opinião pública.

O primeiro deles, *eco* (do vernáculo clássico *οἶκος*: *oikos*, com flexão de número em *οἶκοι*), reportaria a casa, vivenda, habitação, residência, domicílio, lar, moradia ou aposento. Quanto ao segundo, *logia* (de *λόγος*: *logos*), a tradução livre nos informa que se trata de estudo, tratado ou entendimento.

Numa lógica de compreensão literal teríamos, pois a fórmula canônica de *estudo da casa*, exegese que por sua vez mantém conexão com outra conceituação, *estudo do habitat*, corriqueira nos manuais e tratados de biologia.

Recorde-se que no âmbito das ciências naturais, a palavra ecologia foi grafada pela primeira vez somente em 1866. Portanto, contrariamente ao que se pensa, ecologia não é propriamente uma palavra grega clássica, mas sim, uma terminologia dos tempos modernos, construída a partir de raízes do antigo idioma grego.

Na realidade, a aparição original do neologismo recebeu assento numa nota de pé de página de *Generelle Morphologie der Organismen*, obra magistral de autoria do naturalista, biólogo, filósofo, médico e ilustrador científico alemão Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834-1919), pesquisador com notória performance na área das ciências biológicas (Figura 1).

Mais adiante, no segundo volume desta publicação, verdadeiramente icônica para a biologia, o conceito é detalhado com maior precisão. Para Ernst Haeckel, ecologia compreenderia a *totalidade* das relações dos organismos com o entorno de vida, pressupondo por definição, a completude das condições que *sine qua non*, validam sua perpetuação.

É interessante autenticar que para esse autêntico pensador (e não apenas biólogo, como usualmente é lembrado), o neologismo teria por *raison d'être* substituir o vocábulo biologia, cuja cobertura conceitual julgava indevidamente restritiva.

Atesta o historiador francês Pascal ACOT (1990: 27), a nova palavra diria respeito, dentre outras interfaces, ao modo de vida em si mesmo e às relações vitais externas dos organismos, assim como - no que a muitos poderia surpreender - *à ciência da economia*.

Neste senso, deve-se levar em consideração que a incorporação da economia junto à proposição central de ecologia constituía nas últimas décadas do século XIX uma postura audaciosa e inovadora. Sobretudo em razão dos encadeamentos potenciais sugeridos pelo consorciamento dos termos *ecologia* e *economia*.

Novamente retornando à logicidade lexical do idioma grego, retenha-se que neste código linguístico, a ideia de economia, resultante da somatória de *οἶκος* com *νόμος* (*nomos*, origem do sufixo *nomia*), conota a distinção entre as convenções, costumes e tradições humanas diante da *φύσις* (*physis*), que na maioria das línguas europeias modernas é vertida como natureza ⁴.



FIGURA 1 - Ernest Haeckel numa representação datada de 1874-1875 em *The Popular Science Monthly* (Fonte: < <https://www.thefamouspeople.com/profiles/ernst-haeckel-518.php> >. Acesso: 25-04-2018)

Disto se infere que a economia materializa uma regulação objetiva tendo por matriz as expectativas humanas, e a partir deste prisma, atendendo ao objetivo precípua de satisfazer demandas de povos, grupos e sociedades.

Deste modo, a inclusão da ciência econômica enquanto argumento de interesse no conceito apresentado por Haeckel suscitaria intrinsecamente copioso elenco de arrazoados e implicações, ausentes nas declinações massoréticas da biologia.

Todavia, embora inspirada por amplas expectativas, a intencionalidade em alargar o sentido e o conhecimento das intercorrências ambientais não reverberou tal como prognosticado por Haeckel.

Isso porque o termo ecologia terminou granjeado de nexos parciais, trivializados e anódinos, articulados a toda sorte de interpolações ideacionadas que de modo progressivo, esvaziaram a intenção de ampliar o alcance proposto pela nova palavra.

Em particular, firmaram-se no plano acadêmico e no senso comum pontos de vista impregnados de um sotaque naturalizante, que por esta via, terminaram expurgados de contradições sociais, dessimetrias econômicas, matrizes culturais e das inflexões emanadas do exercício do poder.

Sob este prisma, a nova terminologia, repaginada por uma interpretação naturalista e adotando por parâmetro um conceito de totalidade sociocultural integrada, não tardou em desfrutar de livre trânsito nas ideações filiadas a modelos funcionalistas de análise, que enquanto tal, se indispõem com análises filiadas a um viés crítico.

Referendando uma visão harmônica de sociedade, interpretações com esse perfil se prestaram tanto para respaldar asserções mistificadoras da relação mantida entre as comunidades humanas com o meio natural, quanto legitimar fabulações voltadas para mascarar os conflitos que atravessam o relacionamento mantido pelos homens entre si (MORAES, 2002: 53).

Com base nessas pontuações, a cerne da análise que segue teria por mandato não só explicitar as conexões contraditórias que norteiam a ação do homem na esculturação da natureza e as estereotipias ⁵ que rotineiramente rondam este debate, como de igual modo, resgatar o ajuste das matrizes etimológicas da palavra ecologia a muitos padrões objetivamente pautados pela Modernidade ⁶.

Nesta visada, sublinhe-se que as conotações usuais do termo são pouco operacionais no debate de uma questão tão complexa quanto a ambiental. Isto ocorre em vista de que as problemáticas associadas ao meio ambiente inserem nuances incompatíveis com acepções simplórias como as atinentes ao “estudo da casa” enquanto *umbrella concept*.

Nessa linha de argumentação, seria cabível sublinhar que a avaliação de qualquer terminologia implica na enunciação das apreciações presentes no seio dos substratos originais. Assim sendo, a identificação dos nexos explicativos, que demarcam uma efetiva abrangência semântica, configura propósito essencial para a compreensão de uma palavra ou termo.

Não por outro motivo senão pelo fato cabal de que os códigos linguísticos, ao regulamentarem os padrões cognitivos e as modalidades de percepção postados ao

comando do *modus operandi* como determinada organização social reflexiona com sua materialidade, tornam a etimologia uma ferramenta de análise imprescindível (Cf. BASÍLIO, 1987).

A rigor, a constituição de axiomas e de lógicas linguísticas, de vez que indissociáveis direta ou indiretamente da normatização do conjunto de padrões de compreensão da realidade, substantivam o *ethos*⁷ dos grupos, via de regra dotado de enorme capacidade de persistência.

Neste exato sentido, ao declinarem na programação dos eventos ao seu gosto e vontade, as línguas modelam mundos sensoriais e perceptivos dantes difusos ou inexistentes, formatando-os com base numa rede imaginária em cujo seio, interação múltiplas inferências e determinações.

Conclusivamente, recordando o acertado registro enunciado pelo antropólogo norte-americano Edward HALL, retenha-se que “a própria percepção que o homem tem do mundo em torno de si, é programada pela língua que fala” (1981: 13-14).

Isso posto, caberia agora concatenar os elos que perfazem a provocação central deste texto. Conforme sugerido, ecologia, enquanto palavra dotada de substrato grego, subentende uma ordem de enunciados bem diferente daquela que se aninhou na consciência social contemporânea.

Desta maneira, caberia pautar uma interpelação tendo por sustentáculo um saber etimológico cujas estacas, fincadas numa *visão crítica*, buscariam contextualizar o cenário histórico, cultural, político e social que respaldou a construção dos sentidos da terminologia.

Nesta linha de abordagem, assevere-se ainda quanto à postura *crítica*, o significado oferecido pela filosofia, em nada condizente às conotações adjetivadas presentes na linguagem rotineira.

Contrapondo-se a ajuizados permeados por objeções e censuras, recordemos que o trânsito acadêmico da terminologia *kritik* (crítica), consagrada pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), nos posiciona de modo totalmente diferente quanto às possíveis sentidos habitualmente imputados à palavra.

Na verdade, a palavra crítica designa processos pelos quais a razão empreende o conhecimento de si mesma e das suas faculdades, calçada nos ensinamentos aos quais pode aspirar independentemente da experiência, tal como um tribunal que

accede às reivindicações legítimas e par a par, descarta as que não desfrutam de fundamento (Cf. ABBAGNANO, 2010: 248 e COLLINSON, 2004: 153-162).

Neste recorte, atentemos para a ponderação do geógrafo brasileiro Milton SANTOS, que observando a renovação da ciência enquanto uma atitude preocupada em rever as formas de pensar da sociedade, anotou: “Não há nenhuma possibilidade de se fazer progredir uma ciência sem grande parcela de esforço crítico. E não há esforço crítico sem risco” (SANTOS, 1978: 8).

Assim, com base no que foi exposto, seria o caso de direcionarmos observações introdutórias às noções clássicas de *oikos* e de *logos*, cuja combinação, *oikos-logos*, resulta justamente em *ecologia*. Observe-se que a palavra grega *logos* (derivação da flexão *λέγω: lego*, “Eu digo”), recorrente na taxonomia da maior parte dos idiomas europeus modernos, agrega múltiplos significados. Dependendo do contexto, pode ser traduzida como análise, discurso, pensamento, solicitação, opinião específica, expectativa, fala, exposição e assim por diante (Cf. ABBAGNANO, 2010: 667-668).

Na história da filosofia, *logos* tornou-se a partir do sábio grego Heráclito (535-475 a.C.), um paradigma central, postulado como causa ou princípio da ordem e do conhecimento. Claramente, *logos* foi estatuído ao longo da obra do filósofo enquanto lei mesma de mundo, sendo que a doutrina deste conceito enquanto substância, é indicado pelo filósofo tal como segue: “Os homens são obtusos em relação com o *logos*, tanto antes quanto depois de haver ouvido falar dele, e ainda que tudo proceda a partir do *logos*, dele permanecem inexperientes” (ABBAGNANO, 2010: 672).

Pari passu, no tocante *oikos* e para além das prosaicas impostações “residenciais”, o termo oferece um elaborado emolumento semântico, brindado com heterogênea rede de enunciados, sendo que num quadro sucinto (Vide LIDDELL *et* SCOTT, 1940), seria possível perfilar:

- ***Oikeiow*** (*οἰκεῖω*), significando conciliar-se, estar familiarizado;
- ***Oikeiôsis*** (*οἰκείωσις*), conotando ajuizados de pertencimento, orientação, familiarização, afinidade ou apropriação;
- ***Oikouménē*** (*οἰκουμένη*, forma conjugada do particípio do verbo *οἰκέω*: habitar), apenso originalmente circunscrito ao mundo greco-romano, designando o espaço habitado, terras conhecidas e/ou mundo civilizado, frutificando numa coleção de fundamentações definitórias⁸;

- **Oikodespotés** (οἰκοδεσπότης), referindo-se a atuação do maioral do *oikos* no *status* de mandatário político;
- **Oikonomos** (οἰκονόμος), identificando o mantenedor do *oikos*, responsabilidade advinda da função da chefia, sobre o qual recaíam encargos de prover o grupo sob seu comando;
- *Last, but not least*, caberia arrolar uma palavra intimamente relacionada com as anteriores: **Oikonomia** (οικονομία, derivando de οἰκονόμος), “ordem da casa”, ou gerenciamento do espaço de vida. Qual seja: a economia.

A estas informações, podemos agregar o parecer da historiadora brasileira Maria Beatriz Borba FLORENZANO (1982). Na sua avaliação, como terminologia clássica e levando em consideração as narrativas de Homero em *Ilíada* e na *Odisseia*, a noção de *oikos* coloca claramente em cheque as visões romanceadas que transitam pelo imaginário “oiko-lógico”.

Em consonância com a consciência social do Período Arcaico da Grécia (entre os séculos VIII a.C. e 480 a.C.), o *oikos* corresponderia a uma unidade auto-suficiente de produção e consumo, da qual dependia a sobrevivência do grupo, objetivamente subentendendo uma estratificação de classes, uma moldura cultural, organização política e aparato econômico (apud FLORENZANO, 1982: 14-23).

Reconhecidamente, tal assertiva encontra eco em muitas outras reflexões, dentre as quais a consignada no excerto que segue:

“O sentido de *oikos* não corresponde ao sentido atual de ‘casa’ e família”. O *oikos* além de possuir um grupo familiar mais ou menos extenso, incluía simultaneamente todas as pessoas, livres ou escravos, que dependiam diretamente do senhor do *oikos* (*oikodespotés*), isto é, todos os servidores afetados às numerosas tarefas exigidas pela vida econômica do *oikos*. Por conseguinte, quanto maior e mais poderoso fosse o *oikos*, mais dependentes possuía” (TABOSA, 2011: 167).

Deste modo, o *oikos* não era uma instituição assentada em relações de parentesco ou em linhagens, tal como tipificava a estratificação social das primeiras sociedades humanas, sendo que do ponto de vista cultural, econômico e político, apresentava inflexões distintas das formas ancestrais de economia natural e de relação direta com o meio natural:

“O *oikos* abrangia os bens de toda a espécie, móveis e imóveis, inseparáveis na prática do agrupamento humano, pois eles eram que asseguravam a sua existência

material. As terras, as edificações, o gado, as reservas de todo tipo etc., faziam parte do *oikos*. O *oikos* era uma unidade econômica assim como uma unidade humana, e era governado por um senhor, que será no mundo homérico um grande chefe guerreiro, como Ulisses” (TABOSA, *idem*).

Nesta visada, *oikos* nos remete a uma inequívoca inflexão civilizacional. Consideração que se impõe por si mesma, a ambientação histórico-social de origem do conceito, incluiria não só variáveis de cunho natural e territorial, mas na mesma tecla, as de mote social.

Acentue-se que na obra de Homero, *oikos* é uma conceituação que atende a uma sociedade dessimétrica (visto que gravada pela presença de numeroso contingente de escravos), economicamente desigual (em razão da concentração de riquezas nas mãos de uma elite aristocrática) e politicamente centralizada (mando associado à liderança de um chefe guerreiro todo poderoso, que encabeça o grupo e numeroso rol de agregados).

Num cenário como esse, vivenciando papel de proa fortemente cimentado às lides bélicas, o exercício da guerra constituía conduta inerente à funcionalidade do *oikos*. Sabe-se que os *oikoi* encetavam *razzias* uns contra os outros, campanhas militares acompanhadas de espoliação, violência, devastação e escravização das comunidades derrotadas (Figura 2).

Com estes reparos em vista, o *oikos* seria evidência adicional do quanto ao longo da história a irrupção de diferentes formas de organização social perfilharam relações simbióticas com modelos voltados para o controle estratégico dos recursos naturais e dos ciclos energéticos, pré-condição para pavimentar a trajetória da desigualdade social, e arrematando, de uma apropriação não-igualitária dos insumos ambientais. Neste último quesito, ressalve-se que ao *oikos* era intrínseca a fruição de flagrantes disparidades socioambientais.

Seria este então o caso de lançar mão da notação do historiador brasileiro Antônio Roberto GUGLIELMO (1991: 135), para quem a relação mantida pelas sociedades humanas com a natureza, configurou desde longa data uma apropriação desigual dos recursos. Por tabela, demarcaria simultaneamente *um domínio ecológico* exercido pelos poderes hegemônicos na submissão das classes dominadas.

Isto posto, seria difícil não contestar, a partir da malha de contraposições que perpassavam pelo *oikos*, a inconsistência operacional do conceito na condição de se restringir a uma “casa”. Nesta ordem de explanação, tem lugar a evocação do radical

proto indo-europeu *weik*, do qual provém *oikos*, que demarca uma unidade social superior à moradia familiar isolada, sendo bem mais complexa, extensa e numerosa.



FIGURA 2 - Detalhe de um vaso grego do Século VI a.C. retratando um dos combates descritos na *Ilíada*
(Fonte: Pinterest, < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 26-04-2018)

Nesta lógica, seria acertado assinalar que a raiz primordial *weik* já introjetava nítido conteúdo de crispações e conflitos. O saber linguístico identifica sinonímia do termo com as noções de *separar*, *sujeitar*, *dividir* e *conceder*. Significativamente, o mesmo vocábulo pode ser traduzido como *consagrar*, *santificar*. Melhor ainda, *weik* designa a função de *reinar*, privativa dos líderes e dirigentes (Cf. POKORNY, 1959: 351).

Em síntese: *weik* reflete uma impregnação ancestral de rivalidades e contradições a perpassar pelo tecido social. À vista disto, o *oikos* é portador de uma dimensão que compreenderia de modo inequívoco, num lato senso, amplo leque de variáveis e determinações. Em suma: em coerência com o que foi colocado, *uma primeira pontuação sinalizaria para a impropriedade de conceituar ecologia meramente como “estudo da casa”*.

Neste senso, note-se que plausivelmente, todo *oikos* na Grécia antiga reunia unidades habitacionais num território sob comando do *Oikodespotés* (Cf. WALDMAN, 2006a e 2006b). Entretanto, também é verdadeiro que se todo *oikos* conformava um casario, ou de modo bem mais emblemático, a residência do plenipotenciário, nada disso permite postular que a moradia enquanto um espaço habitado constitua em si mesma um *oikos*, demarcação que na realidade, estava carregada de imperativos contraditórios (Figura 3).



FIGURA 3 - O *oikos* numa representação artística modelar, explicitando clara disparidade no desempenho das funções e no *status* dos membros que integram este sistema. Lado a lado com os escravos e outros subalternos, que desempenham funções operacionais, os alojamentos abrigam os que usufruem das posições de mando no *oikos* (Fonte: Pinterest, < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 26-04-2018)

Um segundo detalhamento é que o oikos, cujo mecanismo central interconectava produção e consumo, implicitamente se indispõe com uma dissociação entre os conceitos de ecologia e de economia.

Apreço que se impõe por si mesmo, não decorre de mero acaso o fato de ecologia e economia compartilharem raiz num mesmo radical terminológico: *oikos*. Nesta exata declinação, divorciar a questão ambiental da questão econômica insere duplo equívoco.

Basicamente pelo fato de que uma economia que honre a origem etimológica deve se assumir como uma *economia ecológica*. De outro, porque uma ecologia coerente, atenta em especial à concretude social ⁹, igualmente deve se prontificar enquanto uma *ecologia econômica* (Vide WALDMAN, 2006a e 2006b; ALIER, 2005 e 1992).

Um terceiro aspecto é que o oikos, independentemente da aura de romantismo que permeia pelo conceito, inseria relações marcadamente desiguais no seu interior. Fato pouco recordado em inúmeras argumentações, o *oikos* era regado pelo trabalho escravo e perpassado por clivagens de poder de todo tipo.

Por este exato motivo, o *oikos* desintegrou-se por conta do acirramento das disputas que nasceram e proliferavam em seu interior. Destarte, a desagregação do *oikos* desdobrou-se na *polis* (πόλις), a cidade-estado grega, formação política e territorial que emerge como resposta aos antagonismos intrínsecos à antiga ordem escravista, aos quais a nova circunscrição socioespacial procurou fazer frente (Vide ANDERSON, 1982).

Evidenciando esta inscrição, não é fortuito que os temos o adjetivo *polido* e o verbo *polir*, sejam ambos oriundos do grego *polis*. E no que confirma esta mesma lógica, de modo algum a contradizendo, temos igualmente as palavras *política* e *polícia* (Cf. BRETON, 1990).

Estas expressões, mesclando e paulatinamente consolidando a conceituação de acabamento, elegância, boas maneiras, inscrição social, ordem pública e de Estado, circunscrevem noções que chegaram até nossos dias com uma investidura que naturalizou tais discernimentos junto ao imaginário social.

Mas, que se mantém altamente reveladoras das pulsões contraditórias que regam o dinamismo geral das sociedades, aí incluídas as da entronizada Hélade de outrora (Vide BRETON, 1990: 13; LAPLANTINE, 1988).

Arrematando, uma vez verdadeiro que qualquer incursão nos tempos pretéritos importa sobremaneira no que estes podem incitar o questionamento do tempo presente (Cf. WALDMAN, 2006a e 1992a; FEYERABEND, 1977; BALANDIER, 1969), sequenciaríamos nossos comentários sobre o passado histórico grego adiantando três diretivas que entendemos como basilares quanto à problemática ambiental da Modernidade.

Neste sentido, *rubricaríamos em primeiro lugar a importância do reconhecimento da multiplicidade das conexões que regem a questão ambiental*. Foi discutido, analisar o *oikos* expõe múltiplos aportes que regem a interação de grupos, povos e nações no metabolismo mantido com o meio ambiente.

Pois então, sendo a questão ambiental compósita e em paralelo, conotada por uma faturação endossada pelo movimento contraditório que mesmeriza todas as formas de estratificação social, a compreensão da temática *deve apelar para pressupostos determinados não em restringir, mas pelo contrário, empenhados em estender a abrangência dos questionamentos*.

Daí a exigência por subsídios oriundos de diversos campos disciplinares, interagindo de modo a reforçar os sentidos mais profundos de um conceito. Neste particular, tal como enfatizado pelo praxeologista e economista Ludwig Von Mises (1881-1973), relativamente à divisão e subdivisão das ciências:

“Toda divisão e subdivisão das ciências tem somente uma importância prática e provisória. Não é sistematicamente necessária e definitiva: ou seja, ela depende de situações externas nas quais cumpre o trabalho científico e a fase atual de desenvolvimento das disciplinas em particular. Os progressos mais decisivos têm amiúde origem num esclarecimento de problemas que encontram suas fronteiras em setores até agora tratados separadamente” (In: ABBAGNANO, 2010: 166).

Logo, cumpriria asseverar que o estudo do meio ambiente é demarcado por complexidades, exigindo a articulação de conceitos e metodologias de diversas disciplinas, reclamando um trâmite interdisciplinar encadeado a intelecções advindas de muitas especialidades.

Em resumo, o reducionismo da definição de “estudo da casa” deve ser substituído por introjeções mais amplas e detalhadas, indispensáveis para um entendimento aprofundado da problemática ambiental.

Obrigatoriamente, faria pleno sentido frisar que essa postura encontra respaldo a partir de fatos muito objetivos, a começar pela ontologia do saber ambiental, que se indis põe com circunscrições disciplinares demasiado rígidas.

No mais, os estudos do meio ambiente passaram a usufruir de um *zeitgeist*¹⁰ contemporâneo em cujo âmago, a recuperação da unidade matricial das ciências está colocada na ordem do dia. Conferindo melhor:

“No século XX, particularmente na segunda metade deste, a unificação das descobertas científicas, ainda que tenha iniciado no século anterior, juntamente com o desenvolvimento da epistemologia e a ruptura das fronteiras estabelecidas pela complexidade das áreas do conhecimento, crescentemente conduziu cientistas e filósofos a considerarem a unidade essencial de vários campos e temas científicos” (HAINAUT, 1986: 3).

Uma segunda proposição enfocaria a quase sempre perpétua intranquilidade que rege as relações entre ecologia e economia. Certo é que estamos nos referindo a duas instâncias que comungando um *locus* análogo, deveriam consubstanciar algum tipo de associação propositiva.

Todavia, as demandas incessantes do moderno sistema de produção de mercadorias por recursos naturais colocaram a totalidade da biosfera¹¹ sob risco real de uma *débâcle*, tendo por pano de fundo uma crise ambiental aguda e sem precedentes, o que concretamente identifica uma economia em rota de colisão com a ecologia (Cf. ELLIOTT, 1998).

Vale ressaltar, a controvertida performance do moderno sistema de produção de mercadorias teve por lastro um modo de vida delineado pelo realce alcançado pela esfera do econômico, investido da prerrogativa da autorregulação e autonomia diante das demais esferas da vida social (*passim* POLANYI, 2000).

Gerenciando ao seu bel prazer o destino da Humanidade, o imaginário consumista, mola mestra do funcionamento da economia moderna, empenhou-se em difundir um estado permanente de insatisfação ilimitada, pulsão que vis-à-vis, aguça a fagocitose inapelável do meio natural, transformado no seu refém (Vide WALDMAN, 2014a, 2011a, 2011b, 2006a e 2006b; MARX, 1975).

Ademais, expressão de um mundo construído sob a resoluta determinação de unificar - *mas não de unir* - a expansão da moderna *oikouménē* teve por resultado

inevitável uma integração desigual dos humanos, agigantada por imensa multidão de excluídos (Cf. SANTOS, 1998: 35).

Numa conjuntura na qual a globalização atua basicamente para satisfazer os globalizantes, mas exclui aqueles que estão de um modo ou de outro, imperfeita e/ou incompletamente globalizados, esta leitura envolve uma assimetria crucial.

Para clarificar o raciocínio, basta considerar que a renda média dos 20% mais ricos da população mundial era 30 vezes maior do que os 20% mais pobres em 1960. Contudo, no ano 2000 esta diferença ampliou-se em exorbitantes 74 vezes. Neste último ano, a fortuna das 358 pessoas mais ricas do mundo era superior à renda de 2,7 bilhões de pessoas que habitavam países periféricos (BARBOSA, 2006: 49).

Disto pontifica que somente repensando os padrões de funcionamento da economia e da criação de novas modalidades padrões de consumo e de estilos de vida que a continuidade da sociedade humana no Planeta poderá se tornar uma assertiva viável.

Qual seja: impõe-se repensar criativamente os liames entre economia e sociedade, pontuados de modo inextricável no conceito de *oikos*. Qual seja: o que está sugerido, definitivamente, é uma nova *Weltanschauung* ¹².

Por fim, *um terceiro ponto nodal* nos indica que a Terra, agora transformada num *oikos* ampliado pela civilização ocidental, reúne pela primeira vez na história a totalidade da família humana numa mesma *oikouménē*, governada pelos sentidos e dissensos de uma mesma *oikonomia*.

Em tudo o cenário suscita espelhamento da história ambiental da ilha da Páscoa. Formada por um território exíguo (163,6 km²), isolado no Pacífico Oriental e distante cerca de 3.500 quilômetros do litoral da América do Sul, em Páscoa praticamente todos os recursos ecológicos foram esgotados e destruídos.

Redundando numa severa crise ambiental instalada por uma sociedade tradicional, a depleção do meio ambiente insular induziu a derrocada completa desta civilização, tragando de modo inapelável o *status quo* (WALDMAN, 2006a e 2006b; DIAMOND, 2005: 105-152).

Contudo, esta experiência parece repetir-se no plano da atualidade. Isto porque a civilização moderna transformou todo o Planeta numa agigantada e problemática

ilha da Páscoa, que embora assoberbada por sequelas sem paralelo com a remota sociedade do Pacífico, do mesmo modo não tem para onde ir.

Assim sendo, conquanto a Modernidade materialize uma unificação - *mas não uma unidade* - o contexto substantivado pela desmedida intervenção no meio natural e as notórias contradições inseridas por este processo solicitam uma *oikouménē* de tipo novo, calçada por uma nova *oikologia* e por outra *oikonomia*.

Um horizonte de desafios cujo equacionamento é vital para que os humanos deem continuidade aos seus sonhos, promessas e esperanças.

BIBLIOGRAFIA

ALIER, Juan Martinez. *El ecologismo de los pobres: Conflictos ambientales y lenguajes de valoración*. Barcelona (Espanha): Icaria-Antrazyt-Flacso. 2005;

_____. *El ecologismo de los pobres*. In: Revista Envio, nº. 125. Manágua (Nicarágua): Envio. 1992;

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Atualizado e ampliado por Giovanni Fornero. 4ª edição. México (México): Fondo de Cultura Econômica. 2010;

ACOT, Pascal. *História da ecologia*. Rio de Janeiro (RJ): Editora Campus. 1990;

ALVES, José Eustáquio Diniz. *A Linguagem e as Representações da Masculinidade*. Textos para discussão da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, nº. 11. Rio de Janeiro (RJ): Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 2004;

ANDERSON, Perry. *A Grécia*. In: Modos de Produção da Antiguidade. São Paulo (SP): Editora Global. 1982;

BALANDIER, Georges. *Antropologia Política*. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1969;

BARBOSA, Alexandre de Freitas. *O Mundo Globalizado*. Coleção Repensando a História. São Paulo (SP): Editora Contexto. 2006;

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo (SP): Editora Ática. 1987;

BRETON, Roland Jules-Louis. *Geografia das Civilizações*. Série Fundamentos, nº. 60. São Paulo (SP): Editora Ática. 1990;

CARVALHO, Marcos de. *O Que é Natureza?*. Coleção Primeiros Passos nº. 243. São Paulo (SP): Editora Brasiliense. 1991;

COLLINSON, Diané. *50 Grandes Filósofos: Da Grécia Antiga ao Século XX*. Tradução de Bia Costa e Maurício Waldman. São Paulo (SP): Editora Contexto. 2004;

COMRIE, Bernard; MATTHEWS, Stephen et POLINSKY, Maria. *The Atlas of Languages: The Origin and Development of Languages Throughout the World*. Londres (Reino Unido): Quarto Publishing. 2010;

CUVILLIER, Armand. *Sociologia da Cultura*. Porto Alegre e São Paulo (RS-SP): Coedição Editora Globo e Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1975;

DIAMOND, Jared. *Colapso: Como as Sociedades Escolhem o Fracasso ou o Sucesso*. São Paulo (SP): Editora Record. 2005;

ELLIOTT, Lorraine. *The Global Politics of the Environment*. Reino Unido: Macmillan Press Ltd., impresso na Malaysia. 1998;

FEYERABEND, Paul. *Contra o Método: Esboço de uma Teoria Anárquica da Teoria do Conhecimento*. Rio de Janeiro (RJ): Livraria Francisco Alves. 1977;

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *O Mundo Antigo: Economia e Sociedade*. Coleção Tudo é História, nº. 39. São Paulo (SP): Editora Brasiliense. 1982;

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo (SP): Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP). 1991;

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos Editora (LTC). 1989;

GOUREVITCH, Aron Yakovlevich. *O Tempo como Problema de História Cultural*. In: *Estudos reunidos pela UNESCO*, Petrópolis e São Paulo (RJ-SP): Coedição Editora Vozes e Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1975;

GUGLIELMO, Antônio Roberto. *A Pré-história: Uma Abordagem Ecológica*. Coleção Tudo é História, nº. 135. São Paulo (SP): Editora Brasiliense. 1991;

HAINAUT, Louis. *Interdisciplinarity in General Education*. UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura): Division of Educational Sciences, Contents and Methods of Education. 1986;

HALL, Edward Twitchell. *A Dimensão Oculta*. 2ª edição. Rio de Janeiro (RJ): Livraria Francisco Alves. 1981;

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Odorico Mendes e notas de verso a verso por Sálvio Nienkötter. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 2010;

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo (SP): Editora Brasiliense. 1988;

LEFF, Enrique. *Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes/ PNUMA. 2004;

LEWIS, M. Paul (Coordenação). *Ethnologue: Languages of the World*. 16ª edição. Dallas (EUA): Summer Institute of Linguistics. 2009;

LIDDELL, Henry George et SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford (Reino Unido): Perseus Digital Library. 1940;

MARX, Karl. *Formações Econômicas Pré-capitalistas: Formen*. Coleção Pensamento Crítico, nº. 3. Rio de Janeiro (RJ): Editora Paz e Terra. 1975;

MERCIER, Paul. *História da Antropologia*. Lisboa (Portugal): Editorial Teorema. 1986;

MONTERO, Paula. *Reflexões sobre uma Antropologia das Sociedades Complexas*. In: Revista de Antropologia, nº. 34, pp. 103-130. São Paulo (SP): Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 1991;

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Meio Ambiente e Ciências Humanas*. 3ª edição. São Paulo (SP): Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 2002;

POKORNY, Julius. *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*. Berna (Suíça): Francke Verlag. 1959;

POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: As Origens da Nossa Época*. 8ª. edição. Rio de Janeiro (RJ): Editora Campus. 2000;

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço e Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico informacional*. 4ª edição. Coleção Geografia e Realidade, nº. 25. São Paulo (SP): Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1998;

_____. *Por Uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo (SP): Coedição Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) e Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1978;

TABOSA, Adriana Santos. *Os Conceitos de Nobreza, Riqueza e Valor em Homero*. In: Revista Hypnos, nº. 26, pp. 160-169. São Paulo (SP): Hypnos. 2011;

TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e a Mãe Terra: Uma história narrativa do mundo*. 2ª edição. Rio de Janeiro (RJ): Zahar. 1979;

TUAN, Yi Fu. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1980;

WALDMAN, Maurício. *Dúvidas e Incertezas da Sustentabilidade*. Artigo publicado pelo jornal O Imparcial, de Presidente Prudente (SP), Coluna Pensar & Repensar, edição de Sábado, página 3a, 06-06-2015. Texto disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/MA_ColunaPR_Imparcial16.pdf >. 2015;

_____. *Ciência, Ecologia e Sociedade: Repensando um Debate Conceitual*. Texto de apoio para Conferência de Abertura junto ao II Simpósio de Pesquisa e Inserção Social da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), 23-03-2014. Presidente Prudente (SP): Anais da UNOESTE. Texto masterizado e incorporado à Série Meio Ambiente nº. 12 pela Editora Kotev (São Paulo, SP). Título disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/meio_ambiente_12.pdf >. 2014a;

_____. *Repensando a Ecologia a Partir do Oikos*. Artigo eletrônico disponibilizado pela revista de difusão cultural Contemporartes. Texto disponível *on line* em: < <https://revistacontemporartes.blogspot.com.br/2014/05/repensando-ecologia-partir-do-oikos.html> >. Curitiba (PR): Revista Contemporartes. 2014b;

_____. *Limites da Modernidade: Dilemas do Esgotamento dos Recursos*. Paper elaborado como subsídio para a Palestra “Sustentabilidade: Cenários e Desafios”. XII Jornada de Educação e XII Simpósio de Iniciação Científica da Faculdade de Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente (FACLEPP), da Universidade do oeste Paulista (UNOESTE). Texto masterizado e incorporado à Série Meio Ambiente nº. 19 pela Editora Kotev (São Paulo, SP). Título disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/meio_ambiente_19.pdf >. 2011a;

_____. *Crise Ambiental: Ponderando a Respeito de um Dilema da Modernidade*. In: Revista Crítica Histórica, volume 4, pp. 295-313. Maceió (AL): Centro de Pesquisa e Documentação Histórica (CPDHis), da Universidade Federal de Alagoas (UFA). Texto masterizado e incorporado à Série Meio Ambiente nº. 19 pela Editora Kotev (São Paulo, SP). Texto disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/meio_ambiente_20.pdf >. 2011b;

_____. *Repensando o Ambientalismo na Ótica do Oikos*. Texto de apoio elaborado para o IV Seminário Anapolino de Educação Ambiental. Anápolis (GO): Serviço Social do Comércio (SESC). 2013a;

_____. *Repensando a Ecologia a Partir do Oikos*. Texto de Subsídio elaborado para a Palestra Conceito da Gestão de Resíduos no Brasil e no Mundo, atividade integrante do Curso Master em Gestão de Resíduos realizado sob os auspícios do Instituto Muda aos 22/10/2013. São Paulo (SP): Instituto Muda. 2013b;

_____. *Meio Ambiente & Antropologia*. Série Meio ambiente, nº. 6. São Paulo (SP): SENAC. 2006a;

_____. *Água e Metrópole: Limites e Expectativas do Tempo*, Tese de Doutorado. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FLCH/USP). Disponível *on line* em: < <http://www.teses.Usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-20062007-152538/>>. Acesso em: 12-11-2010. 2006b;

_____. *Metamorfoses do Espaço Imaginário*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Paulo (SP): Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 1997;

_____. *Espaço e Modo de Produção Asiático*. In: Boletim Paulista de Geografia, nº. 72. São Paulo (SP): Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), seção local São Paulo. Texto masterizado e incorporado à Série Antropologia do Espaço, Geografia: Coleção Acadêmica nº. 1, sob os auspícios pela Editora Kotev (São Paulo, SP). Texto disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/espaco_e_modos_de_producao_asiatico.pdf >. 1994;

_____. *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil*. Coleção Caminhos da Geografia, 8ª. edição. São Paulo (SP): Editora Contexto. 1992a;

_____. *Divisão Internacional dos Riscos Técnicos e Ambientais*. In: revista Tempo e Presença, nº. 261, edição especial de Meio Ambiente, Janeiro-Fevereiro de 1992. São Paulo e Rio de Janeiro (SP-RJ): Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI). Texto disponível *on line* em: < http://www.mw.pro.br/mw/geog_divisao_intern_riscos_1992.pdf >. 1992b;

_____. *Oito Críticas Ecológicas à Conversão da Dívida*. In: Conversão da Dívida e Meio Ambiente, Paulo Schilling (Organização). São Paulo e Rio de Janeiro (SP-RJ): Coedição Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e Editora Global. Texto masterizado e incorporado à Série Meio Ambiente nº. 16 pela Editora Kotev (São Paulo, SP). Título disponível *on line* em:
< http://mw.pro.br/mw/meio_ambiente_16.pdf >. 1991.

¹ **Eco-Logia: Muito Além do “Estudo da Casa”**, ISBN: 1230001181616 é um título que primeiramente foi disponibilizado na **Plataforma Kobo** pela **Editora Kotev** (Kotev ©) em Junho de 2016. Em Abril de 2018, este mesmo material foi transformado em texto de acesso livre na Internet em Formato PDF. O texto foi elaborado a partir de diversos ensaios preliminares (muitos dos quais homônimos), mesas de debates, textos de divulgação, materiais de capacitação, conferências, *papers* e ademais, incorpora pontuações consignadas na obra *Meio Ambiente & Antropologia* (WALDMAN, 2006a) e na Tese de Doutorado do autor, *Água e Metrópole: Limites e expectativas do tempo*, desenvolvida no Departamento de Geografia da USP (WALDMAN, 2006b). A edição atual de **Eco-Logia: Muito Além do “Estudo da Casa”**, incorpora revisão ortográfica com base nas regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa e igualmente cautelas de estilo, repaginação normativa e ajustes de programação inerentes ao formato PDF. A formatação do material, contou com a Assistência de Editoração, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-page: www.harddesignweb.com.br. Anote-se que editorialmente, o texto de **Eco-Logia: Muito Além do “Estudo da Casa”** é um material gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e igualmente, de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev** (Kotev©). A citação de **Eco-Logia: Muito Além do “Estudo da Casa”**, deve obrigatoriamente incorporar apensos e referências bibliográficas em conformidade com o padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Eco-Logia: Muito Além do “Estudo da Casa”*. Série Meio Ambiente Nº. 9. Segunda edição, revisada. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

² **Maurício Waldman** é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico e professor universitário. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área do meio ambiente e uma carreira acadêmica plural, com contribuições nas vertentes do saber antropológico, geográfico, sociológico e das relações internacionais. Maurício Waldman foi colaborador de Chico Mendes, Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Nos anos 1990, participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), em movimentos em defesa da Represa Billings no Grande ABC Paulista e em diversas entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo. Autor e coautor de 18 livros, 22 *ebooks* e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Waldman escreveu, dentre outras obras, *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992) e *Antropologia & Meio Ambiente* (SENAC, 2006), primeira obra brasileira no campo da antropologia ambiental. Como coautor, assinou em parceria as obras: *Meio Ambiente e Missão: A Responsabilidade Ecológica das Igrejas* (Editora da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 2003), *Guia Ecológico Doméstico* (Editora Contexto, 2000), *A Eco-92 e a Necessidade de um Novo Projeto* (Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, Seção de Fortaleza, 1992) e *Oito Críticas Ecológicas à Conversão da Dívida*

(Coedição CEDI e Editora Global, 1991). Traduziu também dois títulos de peso: *El Ecologismo de los Pobres - Conflictos Ambientales y Lenguajes de Valoración* (de Joan Martínez Alier) e com a colaboração da filósofa Bia Costa, *Fifty Major Philosophers* (de Diané Collinson). Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP, 1982), Licenciado em Geografia Econômica (USP, 1992), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPEs, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br;

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>;

Página em Academia.edu: <https://usp-br.academia.edu/Maur%C3%ADcioWaldman>

Biografia Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman.

Contato Email: mw@mw.pro.br

³ Neste texto, as referências relacionadas com a língua grega são condizentes com a norma culta, aqui entendida a partir do Koiné (*Κοινή*), Koiné Grego (*Κοινή Ελληνική*) ou Dialeto Comum (*ἡ κοινή διάλεκτο*). Para conhecimento: o Koiné constituiria o último avatar do grego ático, idioma falado no território de Atenas. Esta variante tornou-se linguajar franco e pan-helênico na bacia do Mediterrâneo e na Ásia Ocidental a partir do século IV a.C. Cabe admoestar que o Koiné padrão não necessariamente mantém inteligibilidade com outros linguajares cultivados por populações autodefinidas como helênicas, caso do Tsakoniano, do Pôntico e do grego da Capadócia (Cf. LEWIS, 2009: 555-556 e *passim* COMRIE *et alli*, 2010; LIDDEL *et* SCOTT, 1940).

⁴ Em matéria de filosofia, grega ou não, raramente as linhas de argumentação convergem plenamente. Aristóteles e Platão, por exemplo, tinham divergências de fundo relativamente ao estatuto conceitual de *φύσις*. Nesta perspectiva, traduzir esta termo simplesmente como natureza constitui um calco aproximativo e de índole generalista.

⁵ Atente-se que *estereotipia* procede de *στερεός* (*stereos*), “firme”, “concreto” “sólido” e de *τύπος* (*typos*), “impressão”. Consequentemente, estereotipia configura contexto pelo qual conceitos imaginários conquistam *concrecência*. Ou seja: passam a integrar o modelo de percepção das pessoas, auferindo com isso inserção na materialidade social, independentemente de existirem ou não (LIDDELL *et* SCOTT, 1940; ABBAGNANO, 2010: 204).

⁶ De um modo geral, as ciências sociais definem a Modernidade ou Ocidente como uma sociedade surgida na Europa ocidental a partir da Baixa Idade Média, formando um sistema cujas dinâmicas técnicas e unificadoras conquistaram crescente supremacia, embaladas pela radicalização crescente das suas demandas civilizatórias. O mundo moderno respalda modos de vida que desvencilharam, de um modo que não têm precedentes, a Humanidade dos modos tradicionais de

ordem social. A Modernidade se caracteriza pela autonomia do econômico como princípio regulador, sendo lógica da produção a diretriz básica da economia, raiz da problemática ambiental contemporânea. Padrões de excelência técnica controlam os ambientes materiais, culturais, políticos, econômicos e sociais do mundo contemporâneo. Diante ordenações de valores criadas pela Modernidade, a religião perde prestígio, sobrepujada por modelos abstratos que fundamentam relações informais e impessoais. A mediação com o meio natural passou a ser enquadrada por determinações laicas de mundo, perdendo, pois imemoriais atribuições mágicas, metafísicas e afetivas que comandaram o mundo pré-moderno (Cf. POLANYI, 2000: 47; GIDDENS, 1991: 14-19 e GOUREVITCH, 1975).

⁷ Do léxico grego *ἦθος*, significando caráter, crenças e/ou ideais estruturantes da identidade de comunidades, nações e povos. Origem da palavra *ética* - *ἠθικός* - ou seja, *aquilo que pertence ao ethos*.

⁸ No fruir histórico, *oikouménē* incorporou sentido de uma humanidade consorciada a um espaço progressivamente confundido com os limites do Planeta. A essa vertente vincula-se epifenomenalmente à palavra ecúmeno, corriqueira no jargão geográfico, designando as territorialidades resultantes da ação antropogênica.

⁹ Este texto faz uso da noção de concrecência tal como elaborada pelo filósofo Alfred North Whitehead (1861-1947). O conceito, proposto enquanto uma evolução criadora do processo de *concreção* dispõe, na adição simultânea dos aspectos físicos e dos espirituais, indissolivelmente irmanados e ativos entre si, seu nexó epistemológico fundacional (ABBAGNANO, 2010: 204).

¹⁰ A palavra é um calco linguístico de origem alemã, obtendo-se numa tradução literal *espírito do tempo*. Numa significação ampliada tem-se *concepção*, *cosmovisão*, *intuição de mundo*, ou então, *visão de mundo*. Em todos estes casos se refere a um quadro de ideias, expectativas e crenças através dos quais indivíduos, povos, grupos e etnias interpretam o mundo e com ele interagem.

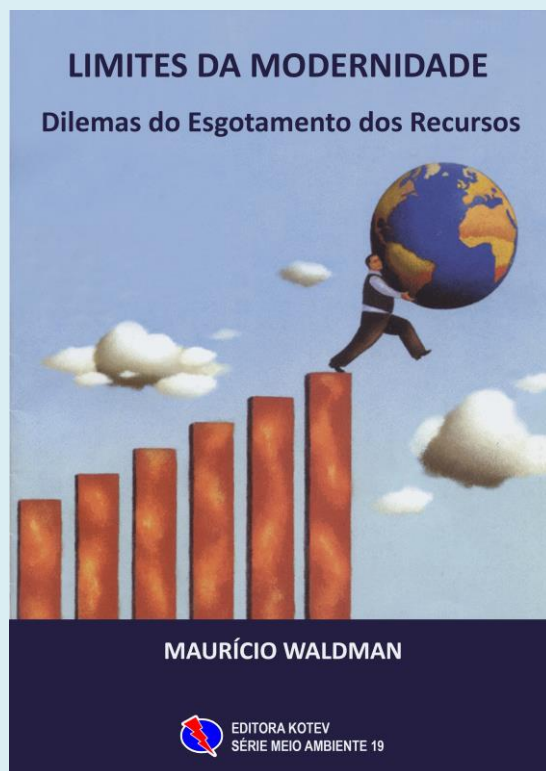
¹¹ Em 1926, Wladimir Vernadsky (1863-1945), geoquímico e mineralogista com destacada atuação na antiga União Soviética, lançou este conceito no livro *A Biosfera*, palavra resultante da composição dos radicais gregos βίος (*bíos*, vida) e σφαίρα (*sfaira*, esfera), daí, *esfera da vida*. Vernadsky distinguiu-se por difundir a proposição de que a fisionomia da Terra foi determinada biologicamente a partir de uma série de experimentos da natureza, materializados enquanto reação a diferentes contextos e situações. Considerada como o maior nível de organização ecológica, a biosfera inclui todos os ecossistemas da Terra, aos quais os humanos impostam sua marca num ritmo cada vez mais categórico, derivando no chamado *antropoceno*.

¹² A palavra é um termo de origem alemã, integrando o jargão clássico das ciências sociais, significando *visão de mundo*, referindo-se a um modelo interpretativo geral que orienta o modo de agir e de pensar das sociedades.

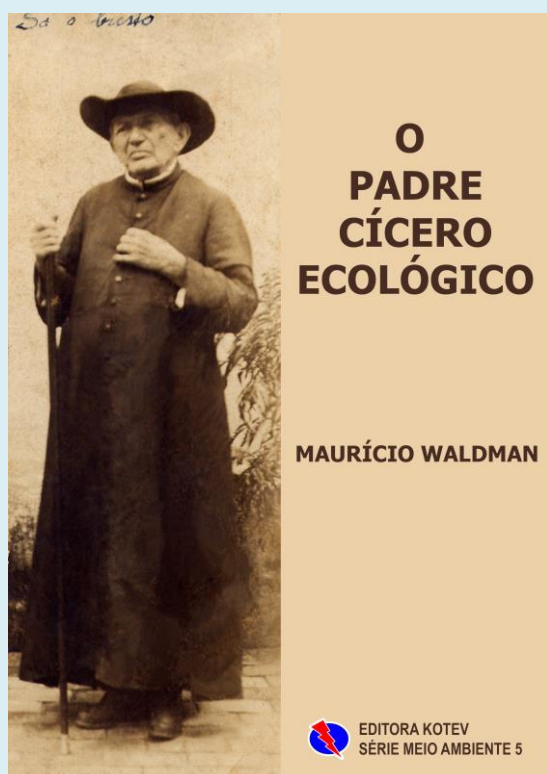
SAIBA MAIS SOBRE ECO-LOGIA



http://mw.pro.br/mw/meio_ambiente_14.pdf



http://mw.pro.br/mw/meio_ambiente_19.pdf



http://mw.pro.br/mw/rel_padim_cico.pdf



http://mw.pro.br/mw/meio_ambiente_18.pdf

CONHEÇA A SÉRIE MEIO AMBIENTE



<http://mwtextos.com.br/serie-meio-ambiente/>



Os debates sobre MEIO AMBIENTE são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com RELAÇÕES INTERNACIONAIS, AFRICANIDADES, CARTOGRAFIA, ANTROPOLOGIA e EDUCAÇÃO POPULAR.

Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página:

<http://kotev.com.br/>

Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo:

atendimento@kotev.com.br